

*O Regresso a Arder*, de Carlos Quiroga

**Urbano Tavares Rodrigues**

**Formas de citación recomendadas**

**1 | Por referencia a esta publicación electrónica\***

TAVARES RODRIGUES, URBANO (2011 [2005]). “*O Regresso a Arder*, de Carlos Quiroga”. *Agália*: 81-82, 265-266. Reedición en *poesiagalega.org*. *Arquivo de poéticas contemporáneas na cultura*. <<http://www.poesiagalega.org/arquivo/ficha/f/226>>.

**2 | Por referencia á publicación orixinal**

TAVARES RODRIGUES, URBANO (2005). “*O Regresso a Arder*, de Carlos Quiroga”. *Agália*: 81-82, 265-266.

\* Edición dispoñíbel desde o 25 de xaneiro de 2011 a partir dalgunha das tres vías seguintes: 1) arquivo facilitado polo autor/a ou editor/a, 2) documento existente en repositorios institucionais de acceso público, 3) copia dixitalizada polo equipo de *poesiagalega.org* coas autorizacións pertinentes cando así o demanda a lexislación sobre dereitos de autor. En relación coa primeira alternativa, podería haber diferenzas, xurdidas xa durante o proceso de edición orixinal, entre este texto en pdf e o realmente publicado no seu día. O GAAP e o equipo do proxecto agradecen a colaboración de autores e editores.

**O REGRESSO A ARDER,  
DE CARLOS QUIROGA**



Carlos Quiroga, professor universitário (em Santiago de Compostela), poeta, viajante, enamorado da sua mágica Galiza e do vasto mundo das suas viagens, o Magreb, o lânguido e apimentado Brasil crioulo, Paris de todos os prazeres, até ou sobretudo intelectuais, discípulo de Unamuno e de Pascoaes, mas também coincidente com Bruce Chatwin na inocência da deambulação, dá-nos agora, após algumas mãos cheias de poemas, este extraordinário *O Regresso a Arder – Viagem ao Cabo Nom-3*<sup>(1)</sup>.

Há livros que nos conquistam logo às primeiras páginas, porque são diferentes e têm um tique de alucinação e muita força e candura nos afectos. Este é um deles. Obra compósita que associa a escrita dia-

rial, o poema em prosa e o poema tout court, textos quase confessionais com salpicos de ironia e auto-ironia e flashes da vida real, que convocam para cenas galopantes personagens anónimas misturadas com amigos e escritores, José Luís Peixoto, Clara Pinto Correia, etc.

Carlos Quiroga vai quase de um extremo a outro, do lirismo mais delicado ao tom ocoso ou mesmo brejeiro que se espalha por contarelos em verso com “calor no ambíguo”, ou piadas de má-língua.

Encanta-me ver nestas páginas surgir a Galiza das meigas, dos bruxedos, dos cadáveres ardentes, cabras mal paridas, gatos à janela, do Obradoiro triunfal, das húmidas arcadas de Santiago, onde esvoaça o cheiro do incenso e por vezes vêm os olhos deslumbrados e os cajados dos peregrinos.

O andarilho que empreende a viagem ao Cabo Nom e vê no acaso o único deus, aquele que um dia desejou passar fulgurante para um rápido final, escreve:

“e anda dentro em volta um tormento denso  
misterioso por insondável e nom visível  
onde só empedernida a dor poderia caber”

Escreve também:

“Gosto do Ferrin sem ferro,  
gosto do Guisan no mesmo afâm  
e sei que a prosa está para o ensaio  
assim como a postura está para o coito,  
e quem há-de negar que naquela está o primor?  
E quem há-de negar que naquela está o primor?”

(1) Carlos Quiroga, *O Regresso a Arder*, Ed. Quasi, Famalicão, 2005.

Os engates frustrados, o irrisório da sedução, certos cromos burlescos (ou filosófico-burlescos) lembram por vezes Almada Negreiros ou, mais perto de nós, Fernando Assis Pacheco, também de origem galega. Aliás, Carlos Quiroga é um leitor compulsivo da literatura portuguesa, citando com frequência Camilo Pessanha, o nosso supremo simbolista, afundado em Oriente.

Por vezes o discurso de Carlos Quiroga vai direito ao essencial da matéria do mundo, ao mais remoto e ao mais profundo, exprimindo a insatisfação de quem busca o absoluto, o princípio das coisas e a sua totalidade. Alguns passos desta viagem, recheada de contradições, relato que se fractura, se suspende, são orações

ros cabelos do vale que ascende. Delta fluvial. Eflúvio deltal. Brancos e verdes copulando lentos. Os dedos de gás definham pousados como rias de sonho num litoral primitivo<sup>(1)</sup>.

A errância leva o autor-narrador, com a sua sede “dourada” do deserto, ao Rio do Ouro e a Marraquxe, a outros zimutes, por terras e mares azuis, em etapas entrecortadas por divagações literárias, que não esquecem o modernismo e a tentação surrealista. Viagem sempre em mudança a preto e branco ou sépia ilustrada por inesperadas imagens, misteriosas ou ingénuas.

Cito, a terminar, para vos aproximar de Carlos Quiroga, este excerto do seu belo poema “Fundação do Dia”:

“Umha mao de chuva entrou do mar na névoa aqui nos dentes de granito do estuário, abriu a boca deste rio Valdebois, foi fundando um corpo acima de cobra calma coagulando o céu em face à montanha e no Pindo estourou em luz e por ela viajou célere na alta velocidade em bala de espelhos flamejantes ao Potala ao Fujiyama ao Quirinal ao Quaf ao Olimpo e esta paisagem à volta ficou rica de cobre e ciliar como um estendal de maravilhas no bordo da Europa por séculos e séculos para a desmesura dos olhos<sup>(2)</sup>.”

à natureza, de um romantismo metafórico, com vislumbres de Kirkegaard. Tal o texto intitulado “Solsticial”, que nos convida para o vale profundo onde, ao romper de um dia de baixa neblina, só há algodão e eucaliptos. “A branca fumaça entrega-se a braços nos escu-

*Urbano Tavares Rodrigues*

---

(1) *Ibidem*, p. 26.

(2) *Ibidem*, p. 20.